

# A INDUSTRIALIZAÇÃO DA CORTIÇA NO NORTE DE PORTUGAL - O CASO DAS FÁBRICAS MENÉRES

JOSÉ JOAQUIM A. PARREIRA

## 1. Considerações prévias

A cortiça é entre os produtos silvícolas aquele que coloca Portugal em primeiro lugar à escala mundial. Actualmente, o nosso país, além de ser o maior produtor, é responsável por mais de metade da transformação da cortiça.

Esta matéria-prima, que se encontra desde Trás-os-Montes ao Algarve, foi valorizada inicialmente em função da aplicação e generalização da rolha no engarrafamento de vinhos, cuja descoberta remonta à segunda metade do século XVII (1680) e é atribuída ao monge beneditino Dom Pierre Pérignon, que a utilizou como vedante nas garrafas de champagne.

A indústria rolheira – a forma mais primitiva da indústria corticeira – teve o seu berço na Catalunha, na província de Gerona, «parecendo provável que nos anos de 1770 a 1780 já tivesse algum desenvolvimento, ainda que pequeno»<sup>1</sup>. De acordo com vários autores, a indústria corticeira foi introduzida em Portugal por operários catalães que ensinaram aos nossos operários a arte de transformar a cortiça. Assim, as primeiras fábricas terão sido instaladas no «coração» do Alentejo e Algarve, as regiões produtoras por excelência.

Embora não haja unanimidade quanto ao «local berço» desta importante actividade, há autores que atribuem a primazia cronológica ao concelho de Montemor-o-Novo e outros aos de Estremoz e Évora<sup>2</sup>. O que parece ser evidente é que a indústria preparadora e transformadora corticeira desenvolveu-se em primeiro lugar nas regiões a sul do Tejo.



Distribuição do sobreiro  
em Portugal

## 2. O caso das fábricas Menéres

No Norte do País, mais especificamente no Porto, terão existido na zona ribeirinha da Cidade, ainda durante o reinado de D. José (1750-1777), «uns fabricos rolheiros que forneciam as rolhas rudimentares, feitas por mulheres, aos mercadores de vinho do Porto», sendo a matéria-prima adquirida nos montados

transmontanos»<sup>3</sup>. Ora, foi «à cata de cortiça para exportação», tal como refere o Abade de Baçal<sup>4</sup>, a razão pela qual Clemente Menéres demandou em 14 de Maio de 1874 o interior transmontano.

Embora a exportação de rolhas para o Rio de Janeiro, por parte deste empresário, remontasse a 1869, a primeira fábrica de cortiça instalou-a no ex-convento de Monchique em 1872. A necessidade dessa matéria-prima tornou-se mais premente a partir do momento em que ele próprio desenvolveu e ampliou os negócios no mercado externo mediante a realização de várias viagens: em 1872 parte para o Rio de Janeiro<sup>5</sup>, tendo percorrido «todo o Brasil e as Repúblicas do Rio da Prata»; no ano seguinte viaja para Hamburgo (onde desde há alguns anos tinha um representante da firma Paes & Menéres), Bremen, Berlim, Viena de Áustria, Holanda e Bélgica, Londres, Liverpool e Manchester. Estas viagens tiveram um papel determinante na «formação» deste empresário, pois além de lhe terem proporcionado conhecer *in loco* o desenvolvimento industrial e comercial de alguns países europeus, permitiram-lhe também firmar contratos com diversas «casas» comerciais, tomar contacto directo com as principais «praças comerciais» do Brasil e estabelecer neste país as «estruturas» indispensáveis à comercialização da cortiça em obra / rolhas e de outros produtos, nomeadamente vinho e azeite.

Conhecidas as reais potencialidades do mercado externo, no que concerne à exportação de cortiça, um novo desafio se colocava ao empresário: procurar locais produtores de cortiça. Por isso, em 14 de Maio de 1874 viaja até Trás-os-Montes e no dia 18 desse mês, data da sua chegada a Jerusalém do Romeu<sup>6</sup>, comprou uma das principais matas de sobreiros da região – o Quadraçal<sup>7</sup> – que tinha para cima de meio milhão de sobreiros. Durante 42 anos (1874-1916) construiu um verdadeiro «império fundiário» mediante a compra de terras e sobreiros em diversos concelhos da região: Mirandela, Macedo de Cavaleiros, Vila Flor, Carrazeda de Ansiães, Alfândega da Fé, Valpaços, Vinhais e Bragança.

A nível da região Brigantina, Clemente Menéres foi o primeiro a fazer o aproveitamento da cortiça com fins industriais e comerciais e também o pioneiro da subcultura nordestina. À data da sua chegada a Jerusalém do Romeu, a cortiça era menosprezada pelas populações locais e os sobreirais eram devastados pelo fogo, pela acção do Homem e pelos rebanhos de cabras. Porém, tal atitude não significa que os produtores de cortiça da região desconhecêssem o seu valor económico. Diversos factores contribuíam para que essa riqueza continuasse a ser desaproveitada e entre eles há a salientar a quase ausência de vias de comunicação rodoviárias e ferroviárias que dificultavam o escoamento dessa matéria-prima dos locais de produção para os de transformação.

Ainda no decurso do ano de 1874, Clemente Menéres instalou uma «fábrica» de rolhas e de preparação de cortiça em prancha na ribeira do Quadraçal que se manteve em funcionamento até 1881, ano em que começou a funcionar uma nova «fábrica» no lugar do Carriço com o mesmo tipo de produção, ou seja, rolhas e cortiça em prancha. À data da realização do Inquérito Industrial de 1881 ainda se encontrava em funcionamento, sendo referido que: «[...] poucas vezes funcionava, porque é pouca, por enquanto, a matéria-prima que tem ali. Está feita, é verdade, uma importante plantação de sobreiros a 1 quilómetro de distância, mas ainda são muito novos para produzir cortiça aproveitável»<sup>8</sup>.

Em nosso entender, o funcionamento irregular da fábrica não se prenderia tanto com a falta de cortiça mas antes pelo facto da maior parte desta vir para a fábrica de Monchique, sendo o seu transporte feito desde o Romeu até ao

Pinhão e daqui para o Porto. No ano de 1883, altura em que a fábrica do Carriço deixou de funcionar, instalou uma outra na Horta da Massada.

A nível do Distrito de Bragança, Clemente Menéres foi o primeiro a proceder à industrialização da cortiça, a reanimar e proteger a subericultura da região. Com o decorrer do tempo, acabou por reunir na mesma empresa – Sociedade Clemente Menéres Limitada<sup>9</sup> – os sectores fundamentais à indústria corticeira: o produtor, o preparador e o transformador.

A implantação da indústria corticeira junto do principal centro de produção (Romeu) deixou de ter grande importância a partir da ligação ferroviária entre o Tua e Mirandela, que aconteceu em Setembro de 1887, tendo sido Clemente Menéres um dos principais lutadores para que tal projecto se tornasse uma realidade. Assim, o principal obstáculo ao transporte da cortiça estava ultrapassado e a fábrica de Monchique ganhava nova vitalidade. Sobre esta unidade fabril, onde era feita a preparação e transformação da cortiça, bem como a embalagem dos diversos produtos corticeiros para a exportação, o *Comércio do Porto Ilustrado* dá-nos uma imagem bastante pormenorizada:

*«Depois da operação primária da cozedura, que tem por fim dilatar a cortiça, começam as operações puramente mecânicas, tais como o corte em bandas, conforme a altura que a rolha deve ter. Essas bandas são então postas em quadrados, e cada pequeno quadrado corresponde a uma rolha, à qual uma máquina especial vai dar a forma cilíndrica. É claro que certas rolhas, como as da farmácia, por exemplo, são muito diferentes das rolhas de garrafas de vinho ou de champanhe. Também notamos que os quadrados variam de grossura antes de passar pelas 20 máquinas, chamadas máquinas de formar, cada uma das quais fabrica 6 000 rolhas por dia, ou seja, um total de 120 000 rolhas. A operação da repassagem, ou revisão de rolhas, corrige os pequenos defeitos que poderia haver ao sair das máquinas. Esta operação, bastante mais delicada é confiada a mulheres. Enfim assistimos à lavagem, à secagem e à calibragem.*

*A calibragem consiste, como é fácil de compreender, em dividir as rolhas segundo a sua grossura, por grupos do mesmo calibre. Pois bem, esta operação faz-se aqui com uma precisão matemática e uma rapidez surpreendente, pois cada rolha cabe mecanicamente num recipiente, que corresponde ao calibre de cada uma delas<sup>10</sup>».*

Esta fábrica, que havia funcionado ao longo de 28 anos (1872-1900) no ex-convento de Monchique, foi transferida nos primeiros meses de 1900 para a «Canella do Outeiro», no Largo do Toural, em Mirandela. Ora, numa altura em que as dificuldades relacionadas com o transporte da cortiça estavam ultrapassadas e a energia eléctrica substituíra gradualmente a força do vapor na Cidade Invicta, que motivos terão ditado a transferência dessa fábrica?

É obvio que nos inícios do século a maior parte das fábricas de cortiça concentravam-se nas proximidades dos centros produtores. No entanto, estamos em crer que não terão sido as razões de natureza geográfica que terão levado o empresário a implantar na região a primeira fábrica de cortiça, propriamente dita, mas antes razões de natureza concorrencial. Senão vejamos: nos inícios do século, além da fábrica Menéres, havia uma outra em Mirandela que pertencia a

«uns comerciantes da cidade do Porto». Funcionou até 1905 e era gerida por um espanhol, Artur Castelo, natural de Sevilha. Ainda nesse ano, há notícias que dão conta que outros comerciantes pretendiam instalar fábricas de cortiça em Mirandela e em Macedo de Cavaleiros<sup>11</sup>.

Em face desta concorrência, um dos meios de controlar o mercado produtor a nível da região terá passado pela instalação da fábrica em Mirandela, pois Clemente Menéres tinha necessidade de assegurar o controle de uma parte substancial da cortiça produzida em vários concelhos da região pelo facto da cortiça extraída nos sobeirais da Sociedade Clemente Menéres Limitada não ser de todo suficiente para as reais necessidades da fábrica. Por isso, todos os anos, a partir de Fevereiro, o feitor e demais encarregados da «casa agrícola do Romeu» procediam à compra de cortiça mediante sinal prévio e em dinheiro. Além disso, o empresário ao instalar a fábrica em Mirandela assumia um papel de maior protagonismo junto dos pequenos produtores de cortiça da região e também das populações na medida em que lhes proporcionava alguns postos de trabalho. Refira-se que uma das causas, talvez a fundamental, da emigração transmontana era a «falta de meios de sobrevivência».

Desde 1903 a 1908, a fábrica foi apetrechada com novas máquinas de origem francesa e alemã. Em 1903 foram instaladas três máquinas, uma de calibrar e duas de fazer rolhas; em 1904 uma máquina de quadrar e uma prensa hidráulica; em 1908 mais cinco máquinas, duas de fazer rolhas e três de quadrar. O total das máquinas era de 25, sendo 16 de fazer rolhas e 9 de quadrar e a força utilizada era o vapor.

No tocante ao «quadro» de pessoal da fábrica, este era constituído pelo encarregado (o responsável máximo), fiscal dos serviços, a quem competia zelar pelo bom andamento de todos os trabalhos, mestre de escolha de rolhas e quadros, rolheiros, quadradores, recortadores, escolhedores, operários na serventia de caldeiras e máquinas, ajudantes, aprendizes e guarda da fábrica. Excluindo o pessoal que ocupava funções de chefia (encarregado, fiscal dos serviços, mestre de escolha de rolhas e quadros), o número de operários, de ambos os sexos, rondava os 40, sendo os homens em número superior.

Quanto à produção da fábrica distinguem-se três tipos: matéria-prima (cortiça em prancha, aparas e refugo), produtos semimanufacturados (quadros), produtos manufacturados (rolhas, rolhões, bóias, palmilhas e papel de cortiça para cigarros). O quadro I dá-nos uma amostragem não só dos níveis de produção fábrica mas também dos principais produtos corticeiros.

Tal como se pode observar, os níveis de produção baixaram substancialmente a partir de 1908, ano em que o comboio voltou novamente a transportar a maior parte da cortiça em bruto para a fábrica de Monchique. Não se pode dizer que a fábrica de cortiça Menéres em Mirandela tenha tido uma actividade muito dilatada no tempo (1900-1913). Desde a instalação que o empresário se debateu com alguns problemas: falta de pessoal especializado, nomeadamente escolhedores de rolhas e quadradores, e baixos níveis de qualidade no fabrico rolheiro. Afim de tentar resolver estes problemas tentou contratar pessoal especializado da região de Lisboa, mas, embora aceitasse o convite, recusava ir trabalhar para Mirandela.

Além destes problemas, a falta de técnicos qualificados, a nível local, na reparação de máquinas causava sérios transtornos na produção, pois quando surgia qualquer avaria a sua reparação era feita por técnicos que se deslocavam propositadamente do Porto a Mirandela. No entanto, os dois aspectos focados

em primeiro lugar (falta de pessoal especializado e os baixos níveis de qualidade no fabrico rolheiro) foram os que mais contribuíram para a extinção da fábrica. Em 1907, Clemente Menéres tinha «ameaçado» fechá-la caso não fossem solucionados os problemas relacionados com a qualidade das rolhas produzidas.

QUADRO I – ALGUNS DADOS SOBRE A PRODUÇÃO (1902-1908)

ANOS	ROLHAS	QUADROS	FARDOS/CORTIÇA		FARDOS/APARAS		ROLHÕES	BÓIAS
			N.º	KG	N.º	KG		
1902	6 665 070	57 850	2 198	170 992	60	47 206	—	—
1903	3 807 670	8 600	530	40 784	1217	79 739	—	9 095
1904	12 384 790	—	1 690	113 419	300	18 596	—	275
1905	8 115 177	9 000	1 825	120 644	595	26 145	23 130	—
1906	11 156 470	53 765	1 792	123 973	918	55 742	6 800	—
1907	10 537 128	4 500	1 727	121 007	4 231	225 849	32 010	16 230
1908	4 619 668	—	743	48 647	880	50 900	9 450	—

Apesar de ter sido extinta em 1913, quatro anos antes já estava parcialmente desactivada, pois em 1909 a maior parte dos maquinismos, «num total de 22 volumes», eram despachados para o Porto. A partir desse ano, a fábrica de Monchique foi sucessivamente apetrechada com nova maquinaria: em 5 de Fevereiro de 1909 a firma Harker Sumner & C.<sup>a</sup> apresentava à Sociedade Clemente Menéres Limitada uma proposta para aquisição de dois motores a gás pobre, cada um com 15 e 19 cavalos de potência; em 1912 dava-se um grande salto em termos de equipamento mediante a compra de novos motores eléctricos e de novas máquinas para triturar cortiça, cuja capacidade rondava os 400 a 500 kg por hora.

A industrialização da cortiça em terras da região da Terra Quente, por parte de Clemente Menéres, chegava ao seu término em 1913. No ano seguinte, solicitava novamente licença para a (re)instalação da actividade corticeira (sector preparador e transformador) no mesmo local onde tinha instalado a primeira unidade fabril.

Este empresário nortenho teve no seu tempo uma acção multifacetada no campo empresarial e talvez ímpar na medida em que conseguiu reunir na mesma empresa o sector agrícola, industrial e comercial. Ao longo de 42 anos (1874-1916), a exploração agrícola de Jerusalém do Romeu foi o fulcro de toda a dinâmica produtiva não só de cortiça mas também de vinho e azeite, os produtos que permitiram (e continuam a permitir) a viabilidade económica da empresa, cabendo à cortiça o papel preponderante com 61% dos lucros no período compreendido entre 1903 a 1916<sup>12</sup>.

A imersão nos negócios da cortiça e a industrialização da mesma fê-la em função do mercado externo, fundamentalmente do europeu e do brasileiro. Os quadros seguintes possibilitam uma visão dos muitos países para onde foi exportada a cortiça das fábricas Menéres.

Do conjunto dos países referenciados, a Inglaterra e a Alemanha foram os principais consumidores de cortiça em bruto e em prancha e, dentre as diversas cidades, Bremen foi o mercado mais regular, facto que tem algo a ver com as relações comerciais e de amizade que Clemente Menéres tinha desde há vários

anos com alguns empresários ligados ao sector corticeiro nessa cidade. Durante a 1.ª Guerra Mundial, principalmente nos primeiros meses em que o comércio sofreu uma forte contracção, as cidades de Copenhaga, Gotemburgo, Christiania, Bremen e Hamburgo constituíram os principais mercados para a colocação da cortiça, sendo feitas as exportações para as cidades alemãs via países neutrais.

QUADRO II - PAÍSES E CIDADES DA EUROPA PARA ONDE CLEMENTE MENÉRES EXPORTOU CORTIÇA

PAÍSES	CIDADES	PAÍSES	CIDADES	PAÍSES	CIDADES			
ALEMANHA	Berlim	BÉLGICA	Anvers	HUNGRIA	Budapeste			
	Bremen		Antuérpia	ROMÉNIA	Bucareste			
	Delmenhort		Bruxelas		IRLANDA	Belfast		
	Deutz	BULGÁRIA	Varna	Cork				
	Dresden	CHECOSLOVÁQUIA	Praga	Limerich				
	Frankfurt	DINAMARCA	Copenhaga	Newry				
	Halle			Wexford				
	Hamburgo	ESCÓCIA	Dundee Edimburgo Glasgow Leith Kirkcaldy	ITÁLIA		Génova		
	Hanôver					Livorno		
	Karlsruhe				Milão			
Leipzig	Torim							
Manheim	Trieste							
Wexford	ESPANHA				Barcelona Irun Mandariz Sevilha Valência	NORUEGA	Christiania	
INGLATERRA		Blackburn	FRANÇA	SUÉCIA			Norwich	
		Bristol					Hendaye Lille Lyon Paris	Trondheim
		Dover				RÚSSIA		Estocolmo
		Hull						Gotemburgo
		Liverpool						Malmö
		Londres						S. Petersburgo
Manchester	RÚSSIA	Kiev						
Nottingham		HOLANDA	Antuérpia Amesterdão	RÚSSIA	Karkov			
Norwich	UCRÂNIA				Odessa	LETÓNIA	Riga	

No âmbito do continente sul americano, o Brasil, como é óbvio, foi o principal cliente da produção rolheira das fábricas Menéres. O quadro III é elucidativo quanto aos mercados para onde eram exportadas as rolhas e ao número de casas comerciais que as comercializavam.

Mas a cortiça de Jerusalém do Romeu correu outros mundos além do europeu e brasileiro, tal como se pode constatar pelo quadro IV.

QUADRO III – CIDADES / ESTADOS DO BRASIL PARA ONDE FORAM EXPORTADAS ROLHAS E NÚMERO DE CASAS COMERCIAIS QUE AS VENDIAM

CIDADES	N.º DE CASAS	CIDADES	N.º DE CASAS	CIDADES	N.º DE CASAS	CIDADES	N.º DE CASAS
Baía	11	Florianópolis	2	Parnaíba	2	Rio Negro	1
Belo Horizonte	11	Fortaleza	1	Parnaguá	1	Santos	2
Caxias	3	Jaraguá	2	Pernambuco	3	S. Luís de Cáceres	1
Ceará	2	Maceió	1	Porto Alegre	8	S. Paulo	1
Corumbá	1	Manaus	8	Recife	2	Teresina	2
Cuiabá	11	Maranhão	2	Rio Grande do Norte	3	Vitória	10
Curitiba	1	Minas Gerais	1	Rio Grande do Sul	1		
Estado do Espírito Santo	1	Pará	3	Rio de Janeiro	8		

QUADRO IV – PAÍSES E CIDADES DA AMÉRICA DO NORTE E DA ÁSIA PARA ONDE CLEMENTE MENÉRES EXPORTOU CORTIÇA

PAÍSES	CIDADES	PAÍSES	CIDADES
E. U. A	Filadélfia Nova Iorque Nova Orleães	JAPÃO	Hiogo Osaka Kobe
CANADÁ	Hull Montreal	SINGAPURA	—
		TAILÂNDIA	Bangucoque

As transações comerciais com o Japão, que na altura se revelava um «excelente mercado para a cortiça», só não cresceram mais e não foram mais duradouras pelo facto da «navegação», ser ao tempo, bastante «escassa e morosa». As primeiras relações comerciais com este país, por parte de Clemente Menéres, remontam a 1902, ano em que decorreu a Exposição de Osaka e entre os expositores portugueses esteve representado Clemente Menéres com amostras de rolhas, quadros e cortiça em bruto. No que respeita à América do Norte, as exportações tiveram uma expressão bastante diminuta<sup>13</sup>.

### 3. Conclusão

No contexto empresarial do Norte de Portugal da segunda metade de oitocentos e primeiros anos do século XX, Clemente Menéres teve um papel importante na industrialização do sector corticeiro a nível da Cidade Invicta e, em especial, do Nordeste Transmontano. No Distrito Brigantino, além de ter sido um dos primeiros a fazer o aproveitamento da cortiça com fins industriais e

comerciais, foi também o principal impulsionador da subercultura. Assim, graças aos empreendimentos levados a cabo neste sector pelo empresário e ao longo de 42 anos (1874-1916), foi possível preservar vastas áreas de sobreiros e proceder a novas plantações.

O ex-convento de Monchique, no Porto, Jerusalém do Romeu e Mirandela foram os principais locais onde este empresário instalou fábricas de cortiça, tendo contribuído para a industrialização e dinamização de um dos sectores de actividade que foi marcado por profundas crises em finais do século XIX e inícios do XX.

Apesar dos contratemplos que afectaram a indústria corticeira, sobretudo a nível da exportação, o empresário teve o engenho de procurar mercados em várias partes do mundo, embora o Brasil, a Inglaterra e a Alemanha tenham sido os maiores consumidores dos produtos corticeiros das fábricas de cortiça Menéres.

Por fim, saliente-se que do ponto de vista empresarial, o caso deste empresário teve algo de singular na medida em que reuniu na mesma empresa – Sociedade Clemente Menéres Limitada – os sectores vitais da indústria corticeira: o produtor, preparador, transformador e comercial.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Imprensa

- Cartaz de Anúncios Portuense*, 1867 e 1868.  
*Comércio Portuguez (O)*, 1876 a 1879.  
*Comércio do Porto Ilustrado*, 1894 a 1901.  
*Gazeta das Aldeias*, 1898, 1899, 1902, 1903, 1914.

### BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal) – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Tomo I, II, III, V e IX. Edição do Museu Abade de Baçal, 1982.
- ASSOCIAÇÃO DOS INDUSTRIAIS E EXPORTADORES DE CORTIÇA DO NORTE – Recolha de dados feita em 1997.
- BERNARDO, Hernâni de Barros – Localização da indústria corticeira em Portugal. *Separata da Revista «Indústria Portuguesa»*, Ano 18.º, n.º 213. Lisboa: (1945)
- CARNEIRO, Armando – *Visão Panorâmica Económico - Social da Indústria Nacional da Cortiça, Ontem-Hoje-Amanhã*. Lisboa: Edição do Gabinete de Estudos de Divulgação Económica, social e Turística, 1961.
- INQUÉRITO INDUSTRIAL de 1881, II Parte, Livro III. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.
- NUNES, Jacinto – *Relatório sobre a Questão Corticeira*. Lisboa: 1905.
- PARREIRA, José J. Andrade – *A Acção Empresarial de Clemente Menéres, Entre o Porto e Trás-os-Montes (1867-1916)*. FLUP: Tese de Mestrado em História Contemporânea, 1997.
- PEREIRA, José de Campos – *Portugal Industrial*. Lisboa: Livraria Profissional, 1919.
- PORTUGAL – MINISTÉRIO DA ECONOMIA, Junta Nacional da Cortiça, *Fomento Suberícola*. Lisboa: Edições da Junta Nacional da Cortiça, 1956.

- SAMPAIO, Jaime Salazar – *O Comércio Externo da Cortiça e as Actividades a Montante*. Lisboa: Instituto dos Produtos Florestais, Lisboa, 1985.
- SOARES, José António d'Oliveira, et al – *Produção e Indústria Corticeira*. Lisboa: Typographia De «A Editora», 1912.

## NOTAS

1. Cf. *Gazeta das Aldeias*, 1899.
2. Cf. BERNARDO, Hernâni de Barros – Localização da indústria corticeira em Portugal, *Separata da Revista «Indústria Portuguesa»*, Ano 18.º, n.º 213. Lisboa: (1945).
3. Cf. CARNEIRO, Armando – *Visão Panorâmica Económico - Social da Indústria Nacional da Cortiça, Ontem - Hoje - Amanhã*. Lisboa: Edição do Gabinete de Estudos de Divulgação Económica, Social e Turística, 1961, pp. 45-51.
4. Cf. ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal) – *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Tomo IX. Edição do Museu Abade de Baçal, 1982.
5. Foi nesta cidade que Clemente Menéres fez as primeiras aprendizagens no ramo dos negócios, pois em 1859, com apenas 15 anos de idade, emigrou para o Rio de Janeiro, onde desde alguns anos estava um tio que se dedicava ao comércio. Passado quatro anos (1863) regressa a Portugal e na Cidade Invicta constitui a primeira firma comercial – Paes & Menéres – no ano de 1867, após ter encontrado um sócio capitalista (Sobre este empresário nortenho, consultar: PARREIRA, José J. Andrade – *A Acção Empresarial de Clemente Menéres, Entre o Porto e Trás-os-Montes* (1867-1916). FLUP: Tese de Mestrado em História Contemporânea, 1997.)
6. A aldeia de Jerusalém do Romeu situa-se a 13 km a nordeste de Mirandela e faz parte deste concelho desde 1884, tendo pertencido anteriormente ao de Macedo de Cavaleiros. A origem do nome – Jerusalém do Romeu – remonta aos tempos medievais, altura em que o senhorio dessas terras passou a estar sob alçada dos Cavaleiros da Ordem de S. João de Jerusalém, mais conhecida por Ordem de Malta.
7. O Quadraçal é um conjunto de montanhas graníticas, nas proximidades da aldeia de Jerusalém do Romeu, cobertas desde há séculos por extensas matas de sobreiros e cuja reprodução se fez ao longo dos tempos de forma espontânea, facto que muitas dores de cabeça causou aos investigadores agrários que não entendiam a razão por que este tipo de reprodução era mais eficaz do que se fosse provocado pelo homem.
8. Cf. *Inquérito Industrial* de 1881, II parte, Livro III.
9. Esta Sociedade «por quotas de responsabilidade limitada» e de natureza familiar foi constituída por Clemente Menéres em 1902, sendo o período de vigência da mesma, tal como consta da escritura, de 99 anos, ou seja, até ao ano 200 (Sobre outros aspectos desta empresa consultar: PARREIRA, José J. Andrade – *Op. cit.*
10. Cf. *Comércio do Porto Ilustrado*, 1894.
11. Cf. PARREIRA, José J. Andrade – *Op. cit.*, p. 134.
12. PARREIRA, José J. Andrade – *Op. cit.*, pp. 182-183.
13. Cf. PARREIRA, José J. Andrade – *Op. cit.*, pp. 217-228.

